

«Santa Rita Velha Safada»

RODOLFO GUTTILLA

"Santa Rita Velha Safada" (Editora Busca Vida, 1987) de Mouzar Benedito, é um daqueles raros livros que a gente lê numa sentada; e, quando terminamos, vem aquela vontade de pular e socar o ar comemorando um gol.

Mineiro de Nova Rezende — antiga Santa Rita Velha — Mouzar desfia ao longo das 129 páginas do livro, "causos" deliciosos, que imediatamente nos trazem à lembrança centenas de outras tantas estórias, "iscuitadas" em bares e barbearias da vida. Afinal, boa parte do repertório san-

ritense é comum a quase toda cidadezinha do interior que mereça a qualificação de "cidade" — ou seja, aquelas que possuam uma filial das Casas Pernambucanas, uma agência do Banco do Brasil e uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras...

Para ilustrar o que foi di-

reprise

to, dia destes a rede Globo ressurta o especial do programa "Som Brasil" com o violonista Almir Sater. Guarania vai, guarania vem, Almir contou um "causo" que supostamente teria se passado em sua cidade natal no estado de Mato Grosso (hoje do Sul). Esta mesma história é contada

por Mouzar em "Santa Rita Velha Safada":

"A jardineira saiu superlotada de Santa Rita, levando passageiros, sacos de compras, galinhas e outros pequenos animais.

Mal pegou a estrada, o cobrador começou o seu trabalho, matraqueando o picotador de passageiros. Apertava o picotador no ar — traque- traque- traque — e pedia:

— A passagem, cadê a passagem?

O passageiro entregava, ele picotava, devolvia e ia em frente.

Lá no fundo do ônibus, apertou várias vezes o picotador perto da orelha de um velho, pedindo a passagem, e o velho nem tchum, não ligava. Pacientemente, cutucou o velho e pediu:

— Cadê a passagem?

— Passagem? que passagem?

— O senhor não comprou passagem?

— Ah! é aquele papelzinho azul?

— É. Cadê?

— Pitei ele".

O "causo" é esse. A sua pátria, a memória do povo.

Tecnicamente falando, o "causo" é a narrativa oral de um acontecimento real ou fictício (por vezes uma narrativa mitológica), não raro uma anedota, que o imaginário popular insiste em preservar escondido dos transistores e das redes elétricas. Neste sentido, o trabalho do autor (no caso, o anti-autor) foi o de recolher pacientemente, ao longo do tempo, como um colecionador de retalhos, estes fragmentos dispersos pelo cotidiano, para recontá-los posteriormente. Por mais banal que possa parecer, o risco de uma empreitada deste gênero é grande, reconhece o autor, pois "(...) a literatura oral perde muito ao ser transcrita. Entre outras coisas há sons e vozes que valorizam as histórias (sic) e que são impossíveis e se transcrever".

Este é um trabalho muito parecido com o do folclorista, ou do etnógrafo, que vai à campo à cata do substrato de uma determinada cultura; em busca daquilo a que o Mestre Camara Cascudo nominou por "patrimônio de observações".

É quase impossível falar de "Santa Rita Velha Safada" sem nos remetermos à outras coletâneas clássicas do gênero, como "Conversas ao pé do fogo" (relançada no ano passado pela Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, em edição fac-similar) e "Terra-feando" de Cornélio Pires (1884-1958), "Leréias" (Livreria Martins Editora, s/d) de Waldomiro Silveira (1873-1941) e "Urupês" (Obras completas, primeira Série, Vol. 1. Editora Brasiliense, 1964) de Monteiro Lobato (1882-1948).

A aproximação, todos, o universo do homem do campo, seus mitos e tradições. A distância, todo o resto.

Se no plano das mentalidades ainda é possível encontrar

ecos distantes do caipira de Lobato, Cornélio e Waldomiro no sanritense de Mouzar Benedito, as semelhanças param por aí. É preciso lembrar que os três primeiros escreveram a parte mais significativa de suas obras nas três primeiras décadas deste século. Neste período, o complexo econômico agrário encontrava-se solidamente estruturado e em franca expansão, com o café sustentando o saldo comercial do país. O trabalhador rural enfocado por estes autores (sobretudo o paulista e o sul-mineiro), agredido às grandes fazendas, empregado como colono ou ainda em regime de parceria, encontrava-se em estado de semi-isolamento, o que lhe garantia alguma "originalidade cultural" (atualmente está na moda o termo "identidade cultural"). Diz o antropólogo francês Levi-Strauss, em "Mitó e significado" (Edições 70, 1985): "Para que uma cultura seja ela mesma e este já apta a produzir algo de original, a cultura e os seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade, e, em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; é somente em condições de subcomunicação que ela pode produzir algo".

Até a década de 40, boa parte das cidades do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais, não passavam de pequenas comarcas com população oscilando em torno de 10 a 20 mil habitantes — com exceção das sedes de comarca e de alguns centros administrativos regionais, onde este n.º triplicava. Assim, o cidadão médio destas pequenas cidades dividia com o caibôlo circunvizinho — a diferença era de grau — a mesma "forma-mentis"; as mesmas crenças e tradições.

Mouzar Benedito nasceu em 1946, num momento em que a economia agrária achava-se em processo de desintegração. A política de compromissos Getulista, inaugurada 16 anos antes, havia feito a opção pela via industrial. Entre 1930 e 1950, os estados de SP e MG foram atravessados por pequenos e grandes fluxos migratórios, frutos da inexistência de uma política agrária, que acabaram por modificar o panorama cultural destas regiões. Houve muita troca entre sul-mineiros e paulistas (este fenômeno fica claro quando nos aprofundamos em algumas manifestações culturais específicas como, por exemplo, as festas religiosas do catolicismo popular).

Assim, o caipira de Mouzar Benedito é um tipo bastante diverso daquele enfocado por Waldomiro, Cornélio e Lobato. É um indivíduo culturalmente fragmentado, desapropriado dos meios de produção e transformado em "proletário rural" (atentem às aspas). É neste contexto que se desenrolam os "causos" narrados em "Santa Rita Velha Safada". O caipira romântico, "tipo-ideal" do início do século, não sobreviveu às transformações das relações de trabalho. Ele é *avô* das personagens de Mouzar Benedito.



Predial center

CRECI J 7924 SEDE PRÓPRIA

TEMOS A CHAVE DOS BONS NEGÓCIOS



Aluga-se



Vende-se

CENTRO

Rua Geminiano Costa com 03 dormitórios e demais acomodações.

Rua D. Pedro II, com 03 dormitórios e demais acomodações.

Av. Com. Alfredo Maffei, com 03 dormitórios e demais acomodações.

JARDIM BANDEIRANTES

Rua Padre Nazareno, com 02 dormitórios e demais acomodações.

VILA PRADO

Rua Antonio Botelho, com 03 dormitórios e demais acomodações.

JARDIM SÃO JOÃO BATISTA

Rua Manoel da Silva, com 03 dormitórios e demais acomodações.

VILA NERY

Rua 15 de Novembro, com 03 dormitórios e demais acomodações.

VILA SANTO ANTONIO

Rua Maria I. de Oliveira Botelho, com 03 dormitórios e demais acomodações.



Aluga-se

CENTRO

Rua Bento Carlos, 01 salão

Rua 9 de Julho, 01 sala

Rua Santa Cruz, 01 salão

Rua Geminiano Costa, 01 salão com escritório e banheiro.

JARDIM RICETTI

Ref. 442 — 03 dormitórios, sendo 01 suite com hidromassagem, 02 salas, 01 cozinha, 01 copa, 01 banheiro, 01 escritório, 1 garagem p/ 02 carros.

Edícula: 01 dormitório, 01 cozinha, 01 banheiro, contém armários embutidos.

CENTRO (sobrado)

Ref. 443 — Parte superior: 02 dormitórios, 01 banheiro, varanda. Parte inferior: 01 sala de visita, 01 sala jantar, 01 cozinha, 01 quarto de despejo, lavanderia coberta, 01 banheiro, garagem p/ 02 carros.

VILA NERY

Ref. 375 — 03 dormitórios, 01 sala, 01 copa-cozinha, 01 banheiro, garagem. Edícula com cozinha e banheiro.

VILA NERY

Ref. 437 — 03 dormitórios, sendo 01 suite, 01 sala, 01 copa, 01 cozinha, 01 banheiro, área de serviço, garagem.

VILA SÃO JOSÉ

Ref. 438 — 03 dormitórios, 01 sala, 01 cozinha, 01 banheiro, área de serviço, garagem, mais casa com: 02 dormitórios, 01 sala, 01 cozinha, 01 banheiro, área de serviço.



Vende-se

JARDIM ALVORADA

Ref. 251 — área de 10 x 30 — 300 m2. 02 lotes juntos — 600 m2. Água, luz, esgoto, asfalto.

JARDIM NOVA SANTA PAULA

Ref. 252 — Área de 10 x 30 — 300 m2. Água, luz, esgoto, asfalto.

JARDIM HICÁRI

Ref. 253 — Área de 10 x 25 — 250 m2. Água, luz, asfalto, esgoto.

A TURMA DOS BONS NEGÓCIOS



Predial center

Rua D. Pedro II, 1698 (esq. Dr. Carlos Botelho)
PABX: (0162) 71-2361 - São Carlos - SP

